

# Zoológico descobre fórmula para crescer

Sociedade captará novos recursos, diminuindo dependência das verbas oficiais

## E o tratador conquistou a recepcionista

DENISE OLIVEIRA  
Da Editoria de Cidade

O Zoológico de Brasília, fundado em 1957 e cujo plano-diretor previa a criação de uma instituição moderna e bem equipada, poderá agora ser definitivamente implantado. A saída para a crise constante do Zoológico está na Sociedade de Amigos do Zoológico (AMEZOO), que será legalizada em um mês. A entidade se encarregará de promover o Zôo, voltando-se principalmente para a educação ambiental e a pesquisa. Embora nunca tenha sido abandonado totalmente, o Zoológico sempre passou pela dificuldade de estar ou não na lista de prioridades dos dirigentes da Fundação Zoobotânica e da Secretaria de Agricultura, aos quais é subordinado. Em 31 anos de existência — é mais velho que a cidade que o abriga — o Zoológico de Brasília já sediou histórias de glória e também de tragédias, como a que vitimou o sargento Silvio Delmar Holenbach, após salvar um menino de 13 anos que caíra no fosso das ariranhas. O sargento passou a dar o nome oficial do Zoológico, mas até hoje nenhuma placa informa os visitantes.

A perda de aproximadamente 200 hectares, destinados à formação da Candangolândia, não afetou a situação do Zoológico em termos de área. Os 400 hectares restantes ainda fazem dele o segundo maior do País, perdendo apenas para o de Porto Alegre (800 hectares). No aspecto físico, o Zôo também pode ser classificado como um dos mais belos do Brasil, e onde não é necessário disputar espaço para conseguir ver os animais.

A beleza da área, no entanto, não pode ser comparada à coleção de animais — aproximadamente 1 mil, entre répteis, mamíferos e

aves —, número de funcionários e pesquisas desenvolvidas. Estes três aspectos deixam o Zoológico em desvantagem com relação aos zoológicos de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte e Sorocaba, muito bem dotados.

Os problemas decorrem principalmente da dependência do Zôo em relação à Fundação Zoobotânica, onde existe como um departamento e, por isso mesmo, disputa as atenções e as verbas da FZDF com outros órgãos. O montante arrecadado mensalmente na bilheteria também não é aplicado diretamente no mas revertido à FZDF, que fica responsável pela ali-

mentação dos animais, pagamento dos funcionários e instalação de novos equipamentos.

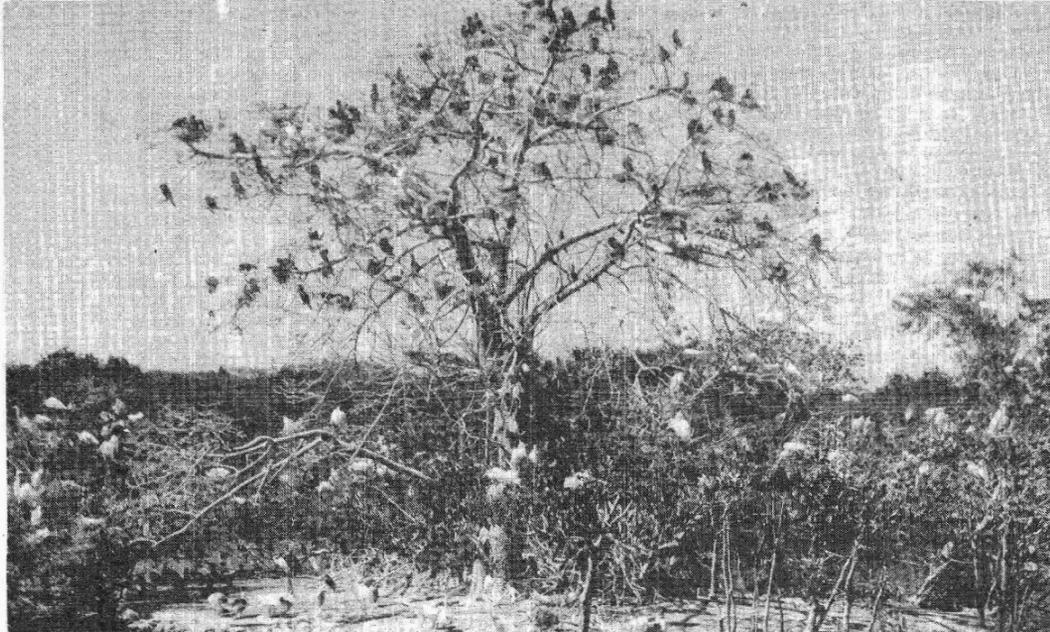
### criação

Segundo o chefe da Zoologia e diretor substituto, Raimundo David Monteiro de Lima, a FZDF "sempre teve muito cuidado em garantir a alimentação dos animais". Ele diz que quando há atraso nas compras, a empresa fornecedora não deixa de entregar os alimentos. São comprados mensalmente uma média de 930 sacos de variados tipos de ração e 800 quilos de alpiste, amendoim, girasol e paim. As folhagens ingeridas pelos animais são plantadas na horta do Zoológico, que também cria coelhos e cobaias.

De janeiro a julho deste ano o Zoológico arrecadou na bilheteria aproximadamente Cz\$ 4 milhões, sendo que em junho a arrecadação ficou em Cz\$ 600 mil, pulando para Cz\$ 1 milhão 300 mil em julho, quando naturalmente há um aumento no fluxo de visitantes devido às férias escolares. Atualmente o preço do ingresso está em Cz\$ 30 por pessoa, mas em janeiro custava Cz\$ 3, preço que confundiu muita gente por ser equivalente ao de uma balinha.

O número de funcionários também deixa a desejar, se comparado ao volume de serviço existente: 111, incluindo desde funcionários responsáveis pela limpeza até o diretor. Do total, 11 homens são encarregados de limpeza, seis da vigilância diurna e nove da noturna. Os funcionários precisam se revezar em escalas de plantão, já que o Zôo está fechado ao público apenas na segunda-feira.

JOAQUIM FIRMINO



O pouso das aves nas árvores do lago é uma amostra da beleza espalhada em 400 hectares

## Chimpanzé e elefanta são as estrelas

Todos os zoológicos têm suas estrelas, que chamam mais a atenção do público e não deixam de ser visitadas. No Zôo de Brasília, como em muitos do País, as estrelas são originárias dos continentes asiático e africano, como elefantes, girafas e leões. Dois exemplares, no entanto, são as principais atrações pelo tempo em que estão no Zôo: a elefanta Neli (desde 57) e o chimpanzé Bill (desde 1963).

Como todos os outros animais, Neli, 49 anos, e Bill, aproximadamente 24 anos, sofrem com os maus-tratos de visitantes que, para ver os animais em movimento, jogam pedras ou pedaços de pau. Encontrar papéis e latas de refrigerante nos viveiros e lagos também não é difícil. O ato de jogar alimentos, que muitas vezes é interpretado como um gesto carinhoso, também pode trazer transtornos aos animais, que durante a semana podem sofrer desarranjos intestinais.

Para reverter a situação, a direção do Zoológico começa a investir na educação ambiental. Embora os estudos tenham se iniciado em 1987, o primeiro programa só foi realizado em março de 88 e deu ótimos resultados. Elas receberam noções sobre os répteis, aves, mamíferos e ecologia em geral. Para a engenheira florestal Lia da Costa Alvim e a veterinária Lúcia Magalhães, que desenvolvem os programas de educação ambiental, o resultado do curso foi "muito positivo".

de, receberão treinamento no Zoológico durante duas semanas.

Após o treinamento, as crianças serão distribuídas por várias áreas, sempre duas a duas, e ajudarão na vigilância, podendo dar informações sobre os animais aos visitantes, caso sejam solicitadas. Está sendo estudada a contratação das crianças através da Sociedade de Amigos do Zoológico. A idéia é minimizar o problema de segurança e capacitar profissionalmente os participantes do programa que poderão, futuramente, tratar dos animais.

### SUMIÇO

O desaparecimento de animais começou a ser registrado em 85, quando sumiram uma arara, dois filhotes de cisnes pretos e um veado mateiro. De maio de 86 a julho de 87, desapareceram quatro cisnes negros adultos e um filhote, e outros três veados mateiros. O cisne de pescoço preto também esteve entre os animais preferidos e dois desapareceram, em março de 87 e maio de 88.

## Homenagem a heróica fica sem registro

Em 1977 o Zoológico foi palco de uma tragédia que comoveu todo o Brasil, tanto pelo ato de heroísmo do sargento Silvio Delmar Holenbach, que pulou no viveiro das ariranhas para salvar um garoto de 13 anos, como por seu falecimento dias depois. Onze anos após a morte do sargento, o Zoológico ainda não dispõe de uma placa que anuncie o nome do sargento, que se tornou o nome oficial do Zôo.

A tragédia aconteceu em um sábado de agosto, quando a família Holenbach visitava o Zoológico. Uma ocorrência registrada no Serviço de Emergência do HFA (para onde levaram Holenbach) e narrada conforme a esposa do sargento, esclarece que Silvio Holenbach percebeu um movimento diferente no viveiro das ariranhas e, ao constatar que um menino estava sendo atacado pelos animais, pulou para salvá-lo. As seis ariranhas começaram a atacá-lo, aplicando-lhe mais de 100 mordidas.

Adilson Florência da Costa, 13 anos, conseguiu sobreviver, embora também tenha levado mordidas. Já o sargento Silvio faleceu no HFA três dias após o acidente. Mesmo doente, Silvio Holenbach deu entrevista a repórteres do CORREIO BRAZILIENSE, publicada na edição de 30 de agosto de 77 lamentando que muitas pessoas assistiram à tragédia sem tê-lo ajudado. Quando questionado sobre os motivos que o levaram a pular no tanque, ele respondeu: "Eu

não podia deixar uma criança ser devorada sem fazer nada".

### SEGURANÇA

Segundo o chefe da Zoologia, Raimundo David Monteiro de Lima, já na época do acidente o viveiro das ariranhas era vigiado por guardas, "mas às vezes havia falhas por causa do horário de almoço". Atualmente é feito revezamento e há sempre um vigia próximo ao viveiro. "O guarda deve garantir a integridade do público e também do animal", comentou.

Os mesmos animais que provocaram a tragédia são hoje o grande trunfo do Zoológico, o único no mundo que conseguiu reproduzir ariranhas em cativeiro. Os filhotes são trocados por animais de outros Zoológicos. O de Washington, por exemplo, está interessado em receber um casal de filhotes. Segundo Raimundo Monteiro, assim que nascerem os próximos filhotes, o Zoológico local tentará fazer uma permuta, talvez por uma girafa, caso o de Washington tenha uma disponível.

A reprodução das ariranhas começou em 1976, depois que foram transferidas de um tanque azulejado para o viveiro, que, além de muito espaçoso, possui barrancos de terra para que possam cavar. A alimentação é somente de peixes frescos ou vivos. De 1976 a 1986 nasceram 15 filhotes, todos de um só casal. Um outro, que chegou ao Zoológico em 85, foi responsável pelo nascimento de mais sete filhotes.

O Zoológico também abriga uma bonita história de amor que acabou em casamento. Adelino Rodrigues da Silva e Judith Francisca da Silva se conheceram no Zôo e, embora Judith afirmasse que nunca se casaria com alguém que trabalhasse no local, se uniu a Adelino. Os dois só reclamam de uma coisa: os baixos salários, Cz\$ 21 mil para cada um.

O amor pelo local de trabalho é a característica comum a Adelino, 43 anos, e Judith, 40. Ele trabalha há 24 anos no Zôo, 22 dos quais como tratador da elefanta Neli. Judith é funcionária do Zoológico há 21 anos e começou como telefonista, sendo promovida a recepcionista. "Agora é esperar a aposentadoria", diz. O trabalho na portaria, conta, é de 10 horas corridas, sem contar os plantões nos finais de semana. "Aos sábados e domingos não dá tempo nem para almoçar, de tanta gente que chega para entrar no Zôo", afirma.

Para ela, o ambiente de trabalho é "ótimo" e ainda compensa, apesar do baixo salário. "Sempre que preciso, posso trazer os meus filhos e ficar tranqüila. Eles brincam o tempo inteiro e adoram isso aqui, mas não quero que trabalhem no Zôo", afirma. A preocupação de Judith é por causa do filho Evilásio, 13 anos, que já avisou que quer seguir a profissão do pai e ser tratador de elefantes. "Não quero que ele trabalhe com elefante", diz Judith, "a não ser que ele se forme em veterinária ou zoologia".

Adelino Rodrigues fala com mais tranquilidade da escolha do filho. "A Neli já o conhece, mas ele ainda tem medo da elefanta", conta. "Mas eu também acho que ele deve escolher uma profissão que possa lhe dar mais dinheiro". Adelino começou a tratar de Neli, elefanta de 49 anos, em abril de 1966 e hoje se reveza no serviço com Walter, o outro tratador.

O serviço nunca se tornou "chato", garante Adelino. Além de fazer a limpeza e dar os alimentos, Adelino dá alguns banhos na elefanta: "A gente dá mais no domingo de manhã porque os visitantes reclamam se ela estiver suja, mas Neli é teimosa. E só terminar de jogar a água e ela deita na poeira". Adelino conta que a elefanta tem manias. Em 1972, teve um problema na vista e quase ficou cega. "Os veterinários trataram com injeções. Depois disso, eles nunca mais puderam entrar no viveiro porque ela ficava muito brava".

A própria Neli, animal mais antigo do Zoológico, foi responsável pelo encontro de Judith e Adelino. O encontro, conta Judith, foi no teatro do Zoológico, onde os tratadores levavam Neli para que as crianças e adultos pudessem vê-la bem de perto. "Foi mais ou menos em 70. Eu fui ao teatro e vi um rapaz que achei muito bonito, o Adelino. Ele me achava orgulhosa porque eu dizia que não casaria com ninguém daqui. Mas um dia ele me chamou para ir ao circo e depois para almoçar, e em 74 nós casamos", conta Judith.

## Entidade muda imagem

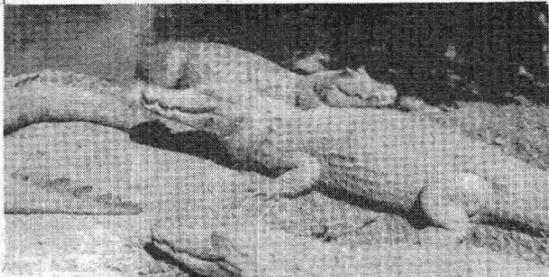
As esperanças de que o Zoológico de Brasília sofra mudanças significativas e torne-se finalmente uma instituição voltada para a educação ambiental e a pesquisa, estão depositadas na Sociedade de Amigos do Zoológico (AMEZOO). Através da entidade, o Zoológico receberá doações e os animais poderão até ser "adotados" por empresas.

Para as relações públicas da Ame-Zôo Nikolaus von Behr, o maior trabalho da sociedade será fazer com que o Zoológico deixe de ser um mero "depósito" de animais. "E o lema da sociedade será 'Por um Zoológico Mais Ecológico', afirma. "As pessoas precisam se conscientizar de que o ambiente natural precisa ser preservado e o Zoológico pode servir para isso, aproveitando-se o fluxo de pessoas para passar a mensagem de amor e respeito à natureza e aos animais", diz.

Nikolaus von Behr lembra que a Sociedade de Amigos do Zoológico de Nova Iorque existe desde 1895: "É uma instituição forte, que conta com a simpatia de toda a cidade. Isso também pode ocorrer aqui". Qualquer pessoa poderá se associar e o valor mínimo da contribuição possivelmente será duas OTNs por ano.

Para a engenheira florestal Lia da Costa Alvim, a sociedade será o agente viabilizador de inúmeros projetos de educação ambiental que estão engavetados por falta de recursos.

JOAQUIM FIRMINO



Jacarés: paz ameaçada por pedras dos visitantes

## Furto reduz plantel

O problema da falta de segurança no Jardim Zoológico começou a ser divulgado somente em 1986, quando desapareceram três veados mateiros. O sumiço dos animais originou um clima tenso, envolvendo o Zoológico e a comunidade da Candangolândia, acusada de estar roubando os animais para comer.

Agora a intenção é envolver os moradores da Candangolândia na defesa do Zoológico e dissipar a imagem de que o coexistência é impossível. O primeiro passo para proporcionar um envolvimento maior será a implantação de um programa de guardas e guias-mirins. Inicialmente o trabalho será desenvolvido com 40 crianças, de 11 a 15 anos, residentes na Candangolândia e que fazem parte da Brigada-Mirim do Corpo de Bombeiros do Núcleo Bandeirante.

O programa envolverá funcionárias do zoológico ligadas à área de educação ambiental e à Associação dos Moradores da Candangolândia, e começa na próxima semana. As crianças, 20 no período da manhã e outras 20 no período da tar-